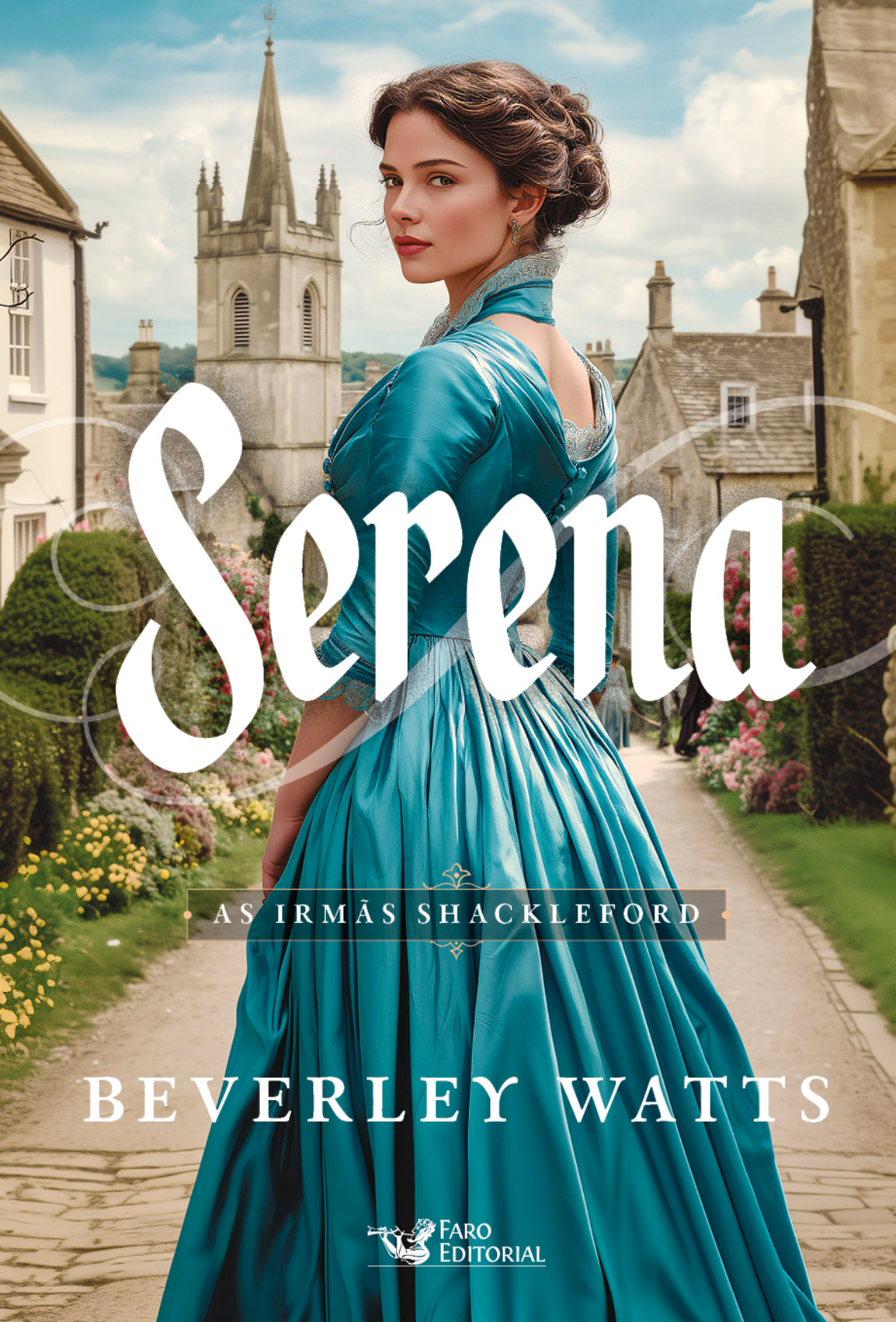




Serena

• AS IRMÃS SHACKLEFORD •

BEVERLEY WATTS

BEVERLEY WATTS

Serena

• AS IRMÃS SHACKLEFORD •

Tradução
NATHÁLIA RONDÁN

Capítulo 1

Maximilian Wolverton, o décimo marquês de Guildford, observava enquanto o colar de diamantes e safiras favorito de sua bisavó era exibido pelo salão de baile. Por fora, aparentava completa impassividade, enquanto fingia saborear seu champanhe com um tédio ensaiado, porém o líquido morno jamais passara por entre seus dentes cerrados.

Essa era a razão pela qual decidira comparecer ao seu primeiro baile em quase três anos. Na verdade, o colar era a segunda joia que ele avistara, sendo usada por um membro da alta sociedade, mas que deveria estar trancada nos cofres dos Wolverton.

— Guildford, há muito tempo não temos o prazer de sua companhia. Acaso pretende nos agraciar com sua presença nesta temporada? — A voz feminina sussurrou em seu ouvido direito.

Max fechou os olhos por um instante em uma tentativa determinada de engolir sua ira. O homem não podia se dar ao luxo de ser grosseiro com nenhuma mãe ambiciosa em busca de um marido para suas filhas no mercado matrimonial da próxima temporada, por mais que odiasse todo aquele fiasco.

Agora que tinha certeza de que as coisas estavam tão ruins quanto temia, precisaria conquistar a simpatia delas, principalmente daquelas cujas filhas viessem com um dote generoso. Na verdade, quanto maior melhor, já que ele estava atualmente sem um tostão.

Max engoliu a raiva e se virou para a interlocutora:

— Lady Bellamy — murmurou, fazendo uma reverência baixa sobre a mão que ela lhe estendia —, que prazer revê-la.



— Percy, não tenho a menor dúvida — nenhuma mesmo — de que isso é total e completamente um... um... desastre inequívoco.

Sem esperar pela resposta do seu coadjutor, que há muito sofria, o reverendo Augusto Shackelford deixou-se cair na única cadeira da sacristia.

— Por quê, por quê? — implorou ele, erguendo os olhos para o céu, deixando bem claro a Percy que a pergunta não era dirigida a ele.

Com um suspiro, o ajudante levantou-se da posição de quatro apoios e colocou o castiçal meio limpo sobre a mesa com cuidado.

— Aconteceu alguma coisa, senhor? — perguntou Percy com cautela, tendo plena certeza de que não queria saber a resposta.

— Tem todo o direito de perguntar, Percy, todo o direito — resmungou o reverendo, afundando-se ainda mais na cadeira. — Seria de se esperar que, considerando todo o bem que fiz, o Todo-Poderoso achasse conveniente conceder-me um mínimo de paz.

O reverendo lançou um olhar fulminante ao coadjutor, como se de alguma forma, tudo fosse culpa do homem pequenino. Já tendo passado por isso muitas vezes, Percy limitou-se a olhar para seu superior com desconfiança e a esperar a continuação.

— Minhas duas filhas mais velhas e intrometidas tiveram de repente a ideia absurda de ficar com ela e lhe encontrar um...

O reverendo parou e fechou os olhos, claramente ultrajado pela calamidade de... seja lá o que fosse. Sem saber o que mais fazer,

Percy deu um passo à frente e um tapinha desajeitado nas costas do homem corpulento.

— Tenho certeza de que não pode ser tão ruim assim, senhor — murmurou ele, certo de que, conhecendo a família Shackelford, muito provavelmente poderia ser. — O que diabos aconteceu para aborrecê-lo tanto?

O reverendo Shackelford soltou um gemido de desespero, seguido de um suspiro pesado. Para o espanto de Percy, ele realmente parecia à beira das lágrimas.

— É Serena — conseguiu dizer enfim. — Elas querem encontrar um maldito marido para ela...



— Raios que os partam — murmurou Serena, puxando com força a flor que a protegia de olhares curiosos. Ela lembrou os acontecimentos que a levaram à sua situação atual, no alto de uma macieira, na borda do jardim coberto de mato da casa paroquial.

O dia começara tão promissor! Ela conseguiu convencer o pai e a madrastra, durante o café da manhã, a lhe darem permissão para levar suas irmãs e seu irmão às comemorações de Páscoa na vila. Assim que obteve a liberação deles, sugeriu que levasse seus irmãos mais novos para fora da paróquia bem mais cedo, para permitir que o pai concentrasse todas as suas energias na orientação espiritual de seu rebanho em um dia tão importante.

Seu argumento foi tão persuasivo que ela conseguiu parecer nobre e abnegada. Na verdade, o que queria mesmo era evitar o interminável sermão de Páscoa de Percy. No ano anterior, durara bem mais de duas horas, apesar de ter sido lido por seu pai a uma velocidade alucinante.

É claro que o reverendo Shackelford estava ciente da verdadeira razão por trás do altruísmo repentino da filha, mas, sabendo que Serena poderia argumentar por horas para conseguir o que queria, preferiu se render ao inevitável.

Havia também o incentivo adicional de que ela, sem dúvida, faria o que queria de qualquer maneira, com ou sem a permissão dele; pelo menos, ao ceder ao pedido dela, o reverendo poderia preservar a crença de que tinha um mínimo controle sobre sua filha determinada.

Serena, por outro lado, não perdeu tempo se perguntando por que o pai estava de acordo; bastava que ele tivesse concordado. Mas, quando ela estava saindo da mesa do café da manhã, as coisas rapidamente foram por água abaixo. Serena estava ocupada, roubando alguns pãezinhos doces para comer mais tarde, quando chegou uma mensagem de sua irmã Temperança.

Como Tempy havia dado à luz, há apenas alguns meses, um menino — cujos pulmões, Serena estava convencida, já o tornavam apto para ser um futuro pregoeiro da cidade —, Serena não prestou atenção quando o pai leu a mensagem em voz alta. Foi somente quando ele hesitou após alguns instantes, deixando um silêncio denso de pavor inesperado, que ela ergueu os olhos de sua pilhagem com uma careta. De fato, a expressão de puro horror no rosto do pai a fez engolir em seco com ansiedade repentina enquanto olhava em silêncio ao redor da mesa.

Mas foi o grito inesperado de sua madrastra Agnes que realmente fez seu coração afundar até suas botas resistentes, embora ela ainda não compreendesse o motivo disso até que a matrona continuasse com um guincho:

— Faça alguma coisa, Augusto. Se elas permitirem que aquela moleca chegue a menos de 160 quilômetros da Temporada de Londres, Anthony passará o resto de seus dias como um... um... — Ela

fez uma pausa para soltar um soluço antes de terminar em um sussurro horrorizado — um... pároco.

Serena ignorou o drama da madrasta e arrancou a carta das mãos do pai para ler o conteúdo ela mesma. Era muito, muito pior do que sequer poderia ter imaginado.

Nela, Temperança anunciava a intenção de seu marido, o conde de Ravenstone, de patrocinar Serena para a próxima temporada. A carta declarava em termos inequívocos que sua mãe — que Deus a tenha em paz — se reviraria no túmulo se Serena fosse deixada vagando à toa por muito mais tempo. (As palavras que ela realmente usou eram, em sua maioria, pouco apreciadas pelas damas, e não por damas casadas com cavalheiros titulados.) A carta terminava com a declaração de que tanto ela quanto Graça pretendiam assumir a responsabilidade de encontrar um marido para a irmã mais nova.

O mais rápido possível. Antes que tudo fosse arruinado.

Bem, ela não escreveu esta última frase, mas Serena não tinha dúvidas de que era isso que ela queria dizer.

Ignorando o colapso dramático de sua madrasta em seu divã, onde Prudência enfiava saís em seu nariz, Serena ergueu os olhos apavorados da carta e permitiu que encontrassem os de seu pai, igualmente horrorizados.

A palidez do reverendo era tanta que Serena não teve dúvidas de seu terror genuíno ao pensar que, a filha mais nova de sua primeira esposa, seria exibida diante da alta sociedade. Por um momento, ela não soube se deveria ficar aliviada ou um pouco ofendida, mas, então, a realidade se impôs: seu pai tinha todo o direito de estar preocupado.

Na verdade, Serena, mais do que qualquer uma de suas irmãs, era muito inadequada para se casar, especialmente com um homem de recursos consideráveis, o que claramente era a intenção de Graça e Tempy. De fato, o último homem que tentara chegar perto o

suficiente para levar uma surra dela só o fez uma vez, e a reputação de Serena na vila atingiu o pior nível de todos os tempos após o incidente com o chiqueiro do velho Bernard. E aqueles indivíduos não tinham nem um centavo no bolso.

Não, decidiu Serena enquanto se sentava desafiadoramente em sua árvore, se um quinto casamento dos Shackleford fosse acontecer, com certeza não seria o dela.



Max fitava as profundezas âmbar de seu copo de conhaque. Eram duas horas da manhã, e ele estava exausto. Ao longo de toda a noite, ele reconheceu o colar, uma pulseira e dois anéis de diamante.

Sem dúvida, tudo vendido por Hugo, seu irmão inútil.

Na verdade, a culpa era toda sua. Seu desejo de servir ao rei o levava a negligenciar seus próprios assuntos. Mas não foi a pilhagem de suas propriedades que o trouxera de volta para casa. Na verdade, ele permaneceu alheio à deslealdade do irmão até estar de volta a Londres.

De fato, o rei ter sucumbido por completo à loucura e o pedido pessoal da rainha Charlotte para que retornasse imediatamente o trouxeram de volta, afastando-o de seu posto, ao lado de Wellesley, em Portugal.

Quando chegou à Inglaterra, o filho de George III já atuava como príncipe regente e, para surpresa de Max, seu irmão, parecia ter caído — e muito — nas graças de Prinny, apesar da diferença de idade entre eles.

Isso não era tão improvável, já que toda a família Wolverton sempre fora bem próxima à Coroa, e o pai de Max, o nono marquês, compartilhava uma amizade leal e de longa data com George III, tanto

que o rei era padrinho de Hugo, enquanto a rainha Charlotte era madrinha de Max. Com a morte de seus pais em um acidente de carruagem, Sua Majestade havia, extraoficialmente, acolhido os dois meninos sob sua proteção.

Ambos estudaram em Eton e depois em Oxford sob o olhar atento do rei e da rainha. Mas, enquanto Max se destacava na maioria das disciplinas, saindo de Oxford com nota máxima em matemática, Hugo passava o tempo se divertindo e contando com o irmão mais velho para tirá-lo das várias encrencas em que se metia.

A beleza do jovem marquês, com vinte e um anos, fazia o coração de muitas debutantes bater mais forte. Com quase dois metros de altura, cabelos pretos como asas de corvo e olhos azuis penetrantes, era difícil não notá-lo no meio da multidão de um salão de baile. Era uma pena que ele raramente comparecesse aos bailes tão apreciados pela alta sociedade.

Na verdade, Max sempre se sentira muito mais à vontade sozinho. Ao contrário do irmão, nunca foi um mulherengo. Naturalmente, tivera sua cota de aventuras — sua popularidade entre as moças garantia que nunca lhe faltassem propostas —, mas nenhuma mulher conseguira conquistar seu coração. Talvez porque ele tivesse o cuidado de limitar seus relacionamentos às moças que buscavam apenas uma diversão sem compromisso.

Ao que tudo indica, ele proporcionava mais do que uma simples distração para muitas mulheres apaixonadas, levando os fofoqueiros ao delírio, embora se certificasse de nunca despertar a ira da rainha Charlotte em seu tratamento às damas da alta sociedade. Ao longo de seus vinte anos, Max habilmente evitou as várias artimanhas de mães ambiciosas para garantir às filhas o título de marquesa. Embora sua popularidade nunca tivesse diminuído, ele continuou decididamente indescritível, e seu coração permaneceu firmemente seu.

Hugo, no entanto, era totalmente diferente. Apenas dez meses mais novo que Max, seu tempo em Oxford consolidou a reputação de ser muito mais sociável do que o irmão mais velho. Sua entrada na sociedade foi conduzida com entusiasmo desenfreado, o que levou muitos dos membros mais conservadores a considerá-lo sociável em demasia, e mais de um escândalo foi evitado por pouco graças à intervenção do irmão mais velho.

Max conhecia bem o irmão, assim sendo, já deveria saber que não era sensato deixar o marquesado aos cuidados de Hugo.

Assim que voltou de Portugal para a Inglaterra, Max imediatamente prestou suas homenagens à rainha. Sua Majestade estava abatida, até mesmo com lágrimas nos olhos, como era de se esperar. Mas ela permaneceu firme em sua decisão de continuar como guardiã de seu marido, mesmo que o filho tivesse sido considerado um regente mais digno. Ficou claro que Charlotte queria que Max fosse uma espécie de confidente. A relação informal entre eles era tal que poucas pessoas sabiam de sua ligação, e a rainha precisava de alguém fora da política palaciana para aquele trabalho.

Embora o marquês sempre tivesse sido franco demais para conquistar favores no parlamento, essa mesma abordagem sincera e direta o tornara indispensável para sua monarca como enviado nos campos de batalha de Portugal. Agora que ele retornara, a rainha Charlotte deixou claro que desejava valer-se de seus conselhos diretos em seus assuntos particulares.

Assim que foi dispensado da audiência com Sua Majestade, Max tentou localizar o irmão, mas foi informado de que ele estava em Brighton com o príncipe. Com os primeiros sinais de preocupação, Max partiu imediatamente para Guildford Hall, a propriedade rural da família em Sussex, a fim de se atualizar das finanças dos Wolverton.

Depois de examinar as contas com um crescente sentimento de indignação, repulsa e um medo nauseante, Max enviou uma missiva, ordenando que o irmão mais novo se apresentasse diante dele ainda naquele dia. Hugo poderia se esconder atrás das saias de Prinny, mas não ousaria recusar um pedido formal do marquês de Guildford, mesmo que o referido marquês fosse seu irmão mais velho.

A conversa não transcorreu como Max esperava. Hugo mostrou-se indiferente e, quando confrontado com sua culpa, insolentemente desafiador. Embora tivesse passado seus vinte anos à margem do círculo do Príncipe de Gales, Hugo, como irmão mais novo, não possuía dinheiro suficiente para cair nas graças do herdeiro do trono. Parecia, porém, que, assim que Max deixara o país, Hugo não perdera tempo em bajular o príncipe, que a essa altura já se livrara de uma esposa e se casara com outra, em um esforço para acalmar seu pai e persuadir o Parlamento a saldar suas dívidas crescentes.

Infelizmente, o segundo casamento de Sua Alteza, com Caroline de Brunswick, não reduziu nem um pouco seus excessos com comida, bebida e mulheres, especialmente porque os dois se odiavam desde o primeiro encontro.

Como esperado, as dívidas de George também não diminuíram; Max só podia imaginar que, a alegre afirmação de Hugo de que havia mais do que o suficiente nos cofres de Guildford para sustentar o estilo de vida extravagante de seu príncipe, fosse música para os ouvidos dele. É claro que o príncipe preferiu não questionar seu jovem bajulador sobre o fato de Max ter dado carta branca ao irmão mais novo para gastar como bem entendesse. Ou mesmo para vender as relíquias de família dos Wolverton como achasse melhor.

Max voltara para casa e encontrara a propriedade praticamente falida e a maior parte das joias desaparecida. No final da discussão, Hugo partira furioso, recusando-se a responder a mais perguntas iradas do irmão.

Apesar de sua fúria interior, assim que conseguiu se acalmar, Max admitiu que Hugo estava tão empenhado em bajular o agora príncipe regente que o marquês estava completamente de mãos atadas. Apesar do carinho da rainha Charlotte por seu afilhado, ela não toleraria qualquer acusação de que o príncipe tivesse ajudado a saquear os cofres dos Wolverton — fosse de forma consciente ou não. E o envolvimento de Sua Alteza significava que Max não ousaria repreender publicamente o irmão. De fato, se a alta sociedade sequer suspeitasse da perfídia de Hugo, sem falar para onde o dinheiro tinha ido, a família Wolverton não só nunca se recuperaria do escândalo, como muito provavelmente perderia o pouco que lhe restava.

Em suma, Hugo era intocável. E o irmão sabia disso.

Praguejando, Max serviu-se de outra bebida antes de se jogar de volta na cadeira. Pelo amor de Deus, ele não conseguia acreditar que havia confiado naquele seu irmão canalha. Nada do que Hugo havia feito desde a infância dera a Max qualquer motivo para acreditar que o irmão fosse digno de confiança.

Na verdade, embora seu dever para com o marquesado devesse ter vindo em primeiro lugar, Max não podia mais negar que havia colocado tal obrigação em segundo plano. Ou seja, ele queria brincar de soldado.

Empurrado para o título quando ainda era apenas um jovem, sabia muito pouco além do dever. Ele seria eternamente grato pela insistência da rainha Charlotte para que completasse sua educação antes de assumir o manto de marquês, mas isso significava que havia saído diretamente de Oxford para as responsabilidades de administrar uma propriedade considerável.

No início, isso não exigiu tanto tempo, já que a maior parte da contabilidade continuava a ser feita pelo administrador da propriedade. No entanto, Fielding foi contratado por seu pai, e a idade acabou por afetá-lo, até que Max assumiu a tarefa por conta própria.

Embora Max estivesse muito satisfeito em levar uma vida predominantemente solitária em Guildford Hall, acompanhava atentamente as campanhas do major-general Wellesley na Guerra Peninsular e, quando surgiu a oportunidade de fazer sua parte, agarrou a chance, dizendo a si mesmo que já era hora do irmão mais novo receber algumas responsabilidades.

Em retrospecto, sua estupidez era realmente inacreditável.

E agora ali estava ele, embriagando-se cada vez mais para evitar o pensamento de que precisava encontrar uma esposa rica. Naturalmente, ele sempre esperara acabar amarrado por uma relação, mas não assim. Nunca assim. Na verdade, ele jamais, nem em mil anos, esperou ter que se casar por dinheiro. Ou humilhar-se admitindo que os Wolvertons haviam perdido quase tudo sem realmente explicar como isso acontecera. Os fofoqueiros, sem dúvida, entrariam num frenesi de especulações.

Balançando a cabeça, Max pensou no colar de diamantes que avistara mais cedo no pescoço daquela moça no baile. Claramente, ninguém percebeu que era uma relíquia da família Wolverton. Uma peça linda, mas não uma que fosse reconhecível à primeira vista. Seu irmão tinha sido esperto nisso pelo menos.

Ao contrário de Sepideh.

Max lembrou a primeira vez que seu pai lhe mostrou o diamante rosa impecável. Ele tinha dez anos.

— Este foi um presente dado ao seu bisavô pelo xá da Pérsia, em agradecimento por ter salvado a vida de sua filha. — Ele entregou a joia a Max, que a segurou com força, com medo de deixá-la cair. — É o maior diamante do mundo — sussurrou o menino, maravilhado, segurando-o contra a luz.

Seu pai balançou a cabeça com um sorriso.

— Foi lapidado de outra pedra ainda maior, chamada *The Great Table*, que, segundo dizem, adornava o trono do imperador mogol

Shah Jahan. Reza a lenda que *The Great Table* foi lapidada em três pedaços. — Ele apontou para o diamante ainda apertado nas mãos de Max. — Este é o menor. Recebeu o nome de *Sepideh*, que significa amanhecer. É o maior legado da família Wolverton e, quando eu morrer, será sua responsabilidade. É quase inestimável, Max. Guarde-o bem. Um dia você pode precisar dele.

A próxima vez que Max viu o diamante foi no funeral de seus pais. Ele se lembrava de ter pensado, naquele momento, que daria a joia sem pensar duas vezes se isso fizesse voltar o tempo.

Desde então, ele mal pensou na joia. *Sepideh* permaneceu em um cofre encomendado especialmente para ela em Guildford Hall.

Até agora.

Até que Hugo, de alguma forma, colocou suas patinhas sujas nela.

A quem quer que fosse que seu irmão tivesse vendido o diamante não ousaria exibi-lo em público, mas alguém o possuía. E essa pessoa sabia que a transação era totalmente ilegal, por isso, sem dúvida, pagou a seu irmão uma fração mínima de seu verdadeiro valor — simplesmente para escondê-lo.

Max estava determinado a descobrir para quem Hugo o havia vendido e recuperar a relíquia de família, mesmo que para isso tivesse que torcer o pescoço do irmão.

Capítulo 2

— Então, o que pretende fazer, papai?

O reverendo Shackelford estremeceu e olhou para o outro lado da mesa, para Serena, que agora batia os pés impaciente.

— Bem, talvez pensar em melhorar o seu comportamento fosse um bom começo — murmurou o pai, exasperado.

— Não posso mudar a mim mesma, assim como o senhor — retrucou Serena.

Para surpresa do reverendo, sua filha parecia estar prestes a chorar.

— Precisamos acabar com essa loucura, papai. Não tenho o menor desejo de me casar. Ambos sabemos que serei apenas um constrangimento para qualquer um que cometa o erro de me pedir em casamento.

— Ela piscou para conter as lágrimas que ameaçavam cair antes de continuar. — Mesmo que eu consiga evitar fazer papel de boba ou algo pior durante a temporada, estamos falando do resto da minha vida.

A palavra “vida” foi gritada alto o suficiente para que a paróquia inteira ouvisse — principalmente Agnes, acompanhada pelos quatro Shackelfords mais novos, que escutavam às escondidas atrás da porta do escritório.

— Bem, olhe para Temperança — tentou apaziguar o reverendo. — Na verdade, ela era muito pior do que você, minha filha, e agora, bem... dizem que ela é a sensação da alta sociedade.

— Não quero ser sensação nenhuma — lamentou Serena, fazendo com que o pai suasse frio. Ele não estava acostumado a lidar com dramas femininos, preferindo, na maioria das vezes, resolver os problemas nos bastidores, por assim dizer. Ele olhou para o rosto manchado de vermelho da filha e se perguntou, com certa apreensão, se ela estava prestes a ter um ataque dos nervos ou algo do tipo.

— Agnes — gritou ele, sem saber que sua amada vagava bem ali do lado de fora.

O reverendo quase caiu da cadeira quando a porta do escritório se abriu com um estrondo apenas um segundo depois.

— Concordo plenamente — declarou a matrona sem preâmbulos. — Augusto — continuou ela em um tom de voz inesperadamente vigoroso —, precisamos fazer algo se quisermos evitar virar motivo de piada.

— Só um minuto — protestou o reverendo, franzindo o cenho —, ela certamente não é tão ruim assim.

— Na verdade, ela é bem pior, e você sabe muito bem — retrucou Agnes.

O reverendo Shackelford, é claro, estava pensando exatamente a mesma coisa momentos antes, mas, por alguma razão, ver a esposa tão irritada com toda aquela situação o deixou inexplicavelmente na defensiva.

— Bem — resmungou ele, claramente sem pensar direito na resposta —, ao menos ela não quase empurrou a rainha da Inglaterra no lago dos patos.

Houve uma inspiração coletiva por parte dos presentes (que, a essa altura, eram quase todos os moradores da casa), seguida por um silêncio tão absoluto que até mesmo Freddy ergueu o olhar.

Naquele momento específico, o reverendo Shackelford talvez até tivesse ficado tentado a vender a alma ao diabo se o tnhoso tivesse

se oferecido para voltar o relógio apenas trinta segundos. O rosto de Agnes assumiu um tom interessante de roxo-avermelhado, enquanto ela abria e fechava a boca várias vezes. Como Generosa declarou mais tarde, sua madrastra a lembrava de uma carpa que vivia no lago recém-instalado pelo duque em Blackmore, pois a cor do peixe era muito parecida.

Enquanto o reverendo olhava sem dizer nada para a esposa, podia ver, pelo canto do olho, os rostos de seus quatro filhos mais novos, que o encaravam como se ele estivesse completamente perdido. Um por um, saíram da sala na ponta dos pés, seguidos apressadamente por Freddy. *Traidor*, pensou o reverendo sem tirar os olhos de Agnes.

— O que eu queria dizer... — gaguejou quando já não aguentava mais o silêncio.

Agnes estendeu a mão, interrompendo-o:

— Nunca mais quero falar com você, Augusto Shackleford — declarou ela dramaticamente. — Você retirará imediatamente suas coisas do meu quarto e, a partir de hoje, poderá dormir no sótão... ou no estábulo... não me importa onde. — A palavra *estábulo* foi dita várias oitavas acima do resto da frase, e ela a encerrou com um choramigo digno da mais miserável tragédia grega.

Com isso, Agnes se virou e cambaleou em direção à porta aberta como se mal conseguisse se mover, tamanha sua mágoa. O estrondo da porta quando a fechou, no entanto, comprovou que, embora seu coração pudesse de fato estar partido, não havia nada de errado com seu braço direito.

— Agora o senhor está encrencado — declarou Serena com naturalidade. — Agora terá que me ajudar a sair dessa enrascada, papai, se quiser voltar a dormir na sua cama.



Infelizmente, quando a amiga de Graça, a srta. Felicity Beaumont, chegou à casa paroquial, menos de três dias depois, para dar início às aulas de etiqueta social a Serena, nenhum dos conspiradores havia conseguido elaborar um plano que fosse sequer remotamente viável. A situação estava ficando realmente desesperadora, sobretudo porque o reverendo se viu obrigado a dividir a cama com Percy...

Embora a srta. Beaumont talvez não estivesse esperando as boas-vindas mais efusivas, ciente de que sua pupila não estava nem um pouco satisfeita com o rumo dos acontecimentos, esperava ao menos um mínimo de hospitalidade. No entanto, como ela relatou à duquesa de Blackmore, durante o jantar na primeira noite, o clima era tal que poderiam pensar, por engano, que alguém tivesse morrido.

Sua pupila estava, em geral, mal-humorada e indelicada, e não ajudava o fato de que a noção de etiqueta de Serena se resumia a evitar palavrões quando perto de alguém da alta sociedade. A expressão *raios que os partam*, como lhe foi informado friamente pela srta. Beaumont no primeiro dia, era inaceitável mesmo nas circunstâncias mais absurdas.

Como era de se esperar, Graça não desejava submeter sua velha amiga a tal provação diária tediosa e estava extremamente frustrada com a irmã. Na verdade, ela chegou a declarar sua intenção de dar uma bronca em Serena, mas, como a srta. Beaumont gentilmente lembrou, teria ela se esquecido tão rapidamente de sua própria conduta durante os primeiros meses de seu casamento com o duque de Blackmore? Relutante, Graça admitiu que talvez estivesse sendo um pouco dura com a irmã mais nova e concordou em dar às aulas um mês antes de intervir.

No entanto, o fato de ter sido abençoada recentemente com sua própria filha fez Graça passar mais do que algumas noites sem dormir, não obstante o fato de que, ao confidenciar ao marido sua sincera

esperança de que Jennifer não desenvolvesse a teimosia dos Shackelford, a única resposta de Nicholas fora um bufo de escárnio.



— Pelo amor de Deus, Percy Noon, seu traseiro é tão ossudo que daria para quebrar nozes com ele — reclamou o reverendo Shackelford. — Vá pro seu lado da cama.

— Que lado? Eu não tenho lado — retrucou o homenzinho —, afinal, está ocupando três quartos da cama... senhor.

Um lampejo de ousadia tão atípico, em circunstâncias normais, estaria fora de questão. No entanto, Percy foi o primeiro a admitir que aquelas dificilmente eram circunstâncias normais, como evidenciado por sua breve demonstração de coragem.

Ele olhou para o companheiro de cama, que estava deitado de costas, fitando a escuridão. Por alguns segundos de tirar o fôlego, o coadjutor pensou que o reverendo tivesse partido para a recompensa celestial. Isso deu um novo sentido ao comentário ácido que o homem corpulento fizera antes, de que pelo menos não teria de dividir um maldito banheiro no céu.

Bem quando Percy se perguntava se deveria dar-lhe uma cutucada forte, o reverendo Shackelford soltou um suspiro alto e balançou a cabeça na escuridão.

— A verdade é, Percy — ele suspirou —, por mais absurdo que possa parecer, nesta ocasião, a culpa não é nada além de minha.

Percy concordou plenamente, embora, é claro, não tivesse expressado essa opinião. Normalmente, o coadjutor tinha de ser arrastado aos gritos e pontapés para os problemas do reverendo, que, para ser justo, eram quase sempre o resultado da incapacidade de seu superior de não meter o nariz em... bem... qualquer coisa. No entanto, nessa

ocasião em particular, se quisesse ter sua cama de volta só para si, Percy estava dolorosamente ciente de que não tinha escolha a não ser oferecer voluntariamente sua ajuda.

Os dois homens fitavam em silêncio a escuridão, cada um tentando encontrar uma solução para o problema.

— Não creio que estaria disposto a casar com a moçoila, não é, Percy?



Após duas semanas de aulas, Serena estava ficando desesperada. A situação se tornava ainda mais insuportável porque Felicity Beaumont era uma das poucas pessoas com quem Serena realmente se sentia à vontade. A senhora era perspicaz e engraçada e, mais de uma vez, fez sua pupila rir até que se lembrasse do motivo pelo qual estava ali.

Era evidente que a srta. Beaumont conseguira evitar o casamento, e Serena ansiava por saber por que e como fizera isso. Normalmente, teria perguntado diretamente, mas, como a importância das boas maneiras parecia ser fundamental para tudo o que sua mentora ensinava, Serena sentia-se inexplicavelmente incapaz de abordar o assunto, o que não era nada típico dela.

No geral, quando Serena queria algo, mesmo que fosse apenas uma informação, era incansável em sua busca, muitas vezes deixando tudo o mais de lado.

Em todas as outras ocasiões, ela preferia muito mais a própria companhia, vagando pelas ruelas e campos de Blackmore, onde aparências e etiqueta não eram importantes e as boas maneiras não tinham significado. Talvez se ela fosse bonita de se ver, com cabelos que se enrolavam ao léu em torno do rosto como os de Tempy, então se sentisse diferente. Mas nem ela nem seu cabelo eram assim. Na

verdade, seu cabelo era da cor da lama e não tinha nenhuma ondulação sequer.

Nas poucas vezes em que ela dera ao próprio rosto mais do que um olhar superficial, supôs que tinha olhos bastante bonitos, lábios agradavelmente carnudos e, de fato, sua pele era clara, com o tom de porcelana exigido. Mas, de alguma forma, a somatória do todo era instantaneamente esquecível.

E gostar de alguém? Para Serena, os relacionamentos traziam tormento demais para seu gosto. Estar sempre à mercê da opinião de outra pessoa e à disposição dela pelo resto da vida parecia uma tortura. E ainda havia o horror do temido *tête-à-tête*. Serena não era apenas franca; quaisquer comentários que fizesse eram, na melhor das hipóteses, diretos e, na pior, inequivocamente ofensivos. De fato, a maioria das conversas das quais ela decidia participar terminava com sua família expressando suas mais sinceras desculpas.

Serena só podia supor que suas irmãs haviam optado por esquecer suas excentricidades, preferindo acreditar que casá-la acabaria de vez com suas peculiaridades.

Com um suspiro, Serena saiu da cama. Hoje, ela, o pai e a srta. Beaumont tinham se programado para participar de um almoço formal em Blackmore. Evidentemente, Graça considerara prudente proporcionar à irmã um pouco mais de prática em comer na alta sociedade, principalmente porque Serena tinha apenas mais duas semanas de instrução antes de se mudarem para a cidade de Bath.

Mais conversa fiada, resmungou Serena consigo mesma, vestindo apressada seu melhor vestido de dia para se preparar.

A srta. Beaumont havia revelado que, como patrocinador de sua estreia na sociedade, o conde de Ravenstone alugara uma grande casa em um endereço muito prestigiado, bem no centro de Bath e, assim

que estivessem confortavelmente instaladas, as damas deveriam cuidar do guarda-roupa de Serena.

Segundo Felicity, a escolha do guarda-roupa de uma debutante normalmente ocorria em Londres e, como a temporada já estava bem avançada, à primeira vista, não parecia haver tempo a perder.

No entanto, dados os acontecimentos no casamento de Esperança, dezoito meses antes, considerou-se pertinente que sua estreia ocorresse após a apresentação anual das debutantes à rainha Charlotte, em abril. De fato, até Serena suou frio só de pensar em ser a razão pela qual os Shackelford voltariam a chamar a atenção da monarca.

Ela temia ter que recorrer a uma grosseria imperdoável ao recusar qualquer pretendente que se apresentasse a ela. Na verdade, não acreditava que todo aquele fiasco chegaria tão longe e, embora não tivesse a intenção de atrapalhar a vida de suas irmãs ao envergonhar deliberadamente sua família aos olhos da alta sociedade, acreditava que amarrar suas ligas em público não fosse uma decisão consciente de sua parte, mesmo sem a humilhação adicional de ser apresentada a uma rainha que ela vira pela última vez cambaleando sobre um lago com patos.



— Ouvi dizer que Bath é muito agradável nesta época do ano — comentou o reverendo Shackelford com ar significativo, fazendo o estômago de Graça dar uma reviravolta lenta.

Serena mal ouviu o comentário do pai, pois estava olhando perplexa para as fileiras de talheres alinhados de ambos os lados do prato. Ela não conseguia deixar de se perguntar como, em nome de Deus, conseguira se virar com uma mera colher durante a maior parte da vida.

— De fato — respondeu Felicity Beaumont, totalmente alheia à súbita ansiedade da duquesa diante do comentário aparentemente inofensivo do pai. — O reverendo já visitou a cidade? Talvez tenha tomado as águas?

— De fato, não — respondeu Augusto Shackleford jovialmente — e, pelo que sei, senhora Shackleford também não.

Houve um silêncio ensurdecedor enquanto o reverendo olhava esperançoso para a filha e o genro.

— Talvez um dia o senhor tenha a oportunidade de visitar — gaguejou Felicity, percebendo tardiamente seu deslize.

O silêncio voltou até que Nicholas finalmente pousou o guardanapo no colo.

— Devo entender que está tentando ser convidado, Augusto? — perguntou ele, seu tom irônico e sem a menor consideração pela etiqueta exigida.

— Seria esplêndido — respondeu o reverendo Shackleford sem a menor hesitação.

Serena sentiu os primeiros sinais de esperança ao olhar para o rosto radiante do pai.

— Papai, o senhor percebe que estamos hospedados em Bath para facilitar a estreia de Serena na sociedade? Estaremos extremamente ocupados, e haverá pouca diversão. O senhor precisará, portanto, entreter-se sozinho na maior parte do tempo.

Serena resistiu por pouco a um bufo de desprezo. Se Graça esperava que suas palavras pudessem desanimar o pai, ela havia calculado mal. Se havia alguma coisa que garantisse que Augusto Shackleford insistisse em algo, era saber que as filhas não queriam que ele o fizesse.

Nesse momento, o almoço refinado foi claramente por água abaixo, à medida que se seguiu um debate animado sobre por que seria

uma péssima ideia o reverendo, sem falar de Agnes e Percy, acompanhá-los a Bath.

Serena, absorta em pensamentos, não ouviu nada.

Esse desdobramento poderia resolver todos os seus problemas. A única pessoa em quem ela podia confiar para exhibir um comportamento pior do que o dela era o pai. Se conseguisse manter a boca fechada, não precisaria se preocupar em envergonhar as irmãs a ponto de elas retirarem o patrocínio.

Seu pai faria isso por ela.

— Mas e as gêmeas, Pru e Anthony? E FREDDY? — protestou Graça por fim, tendo esgotado todas as outras desculpas que conseguia imaginar.

O reverendo franziu a testa, o rosto era a própria definição de perplexidade.

— Ora, eles virão conosco, é claro. Você alugou uma casa, presumo, Nicholas.

— Eu não — sorriu o duque —, a honra de patrocinar a estreia de Serena cabe a Adam. Tenho certeza, é claro, de que ele ficará mais do que encantado em ver todos vocês...